

# ESPAÇOS ADEPA 2

REVISTA DE PATRIMÓNIO | 2006

## Ficha Técnica

Edição ADEPA

Direcção ADEPA

Coordenação José Eduardo Reis Oliveira  
e Margarida Pires

Colaboradores António Figueiredo,  
António Maduro, César Portugal, Domín-  
gos Patacho, J. Pedro Tavares, João  
Pedro V. Tereso, Jorge Manuel de Assun-  
ção António, José Alberto Vasco, José  
Eduardo Reis de Oliveira, Leonor Carva-  
lho, Levi Condinho, Luís Silva, Margarida  
Pires, Maria Manuela dos Santos Pereira,  
Nuno Madeira, Rita Gaspar, Rui Rasqui-  
lho, Sandra Nogueira, Vera Aldeias

Design Marco Correia

Capa pintura a óleo de José Eduardo  
Santos Costa

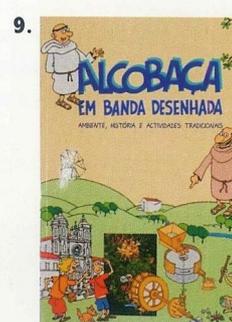
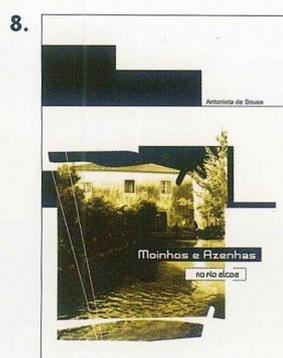
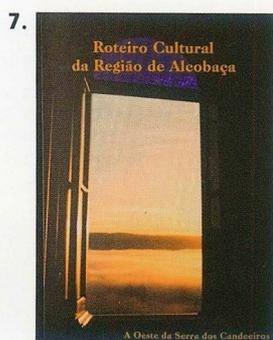
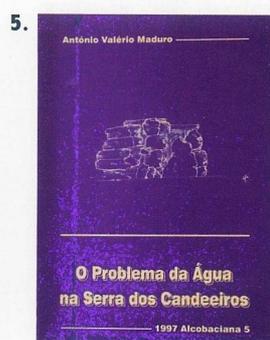
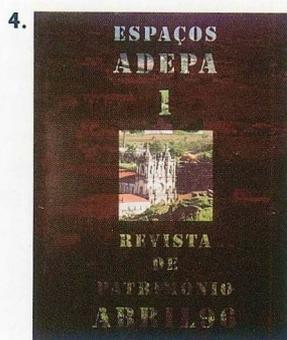
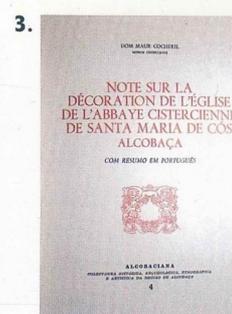
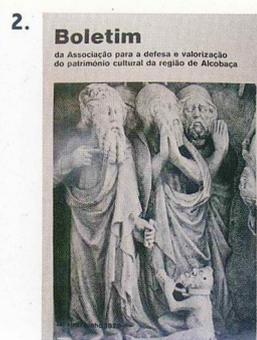
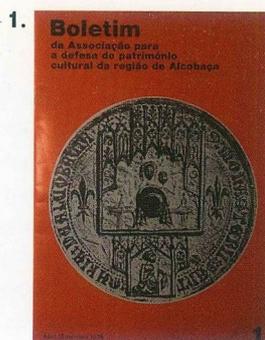
Produção Gráfica ORGAL

Tiragem 750 exemplares

Data Abril de 2006

Preço 15€

Depósito Legal 995224/96



### Lista de Publicações Disponíveis

1. "Boletim da Associação para a Defesa e Valorização do Património da Região de Alcobaca"  
28 páginas (Abril/Setembro de 1978)
2. "Boletim da Associação para a Defesa e Valorização do Património da Região de Alcobaca"  
24 páginas (Janeiro/Junho de 1979)
3. "Note sur la Décoration de L'Église de L'Abaye Cistercienne de Santa Maria de Cós - Alcobaca"  
Dom Maur Cocheril (Alcobaciana n.º 4)  
123 páginas (1983)
4. "Espaços ADEPA 1"  
72 páginas (Abril de 1996)
5. "O Problema da Água na Serra dos Candeeiros"  
António Valério Maduro  
103 páginas (1997)
6. "Roteiro das Grutas de Alcobaca – Antes da História"  
Carlos Mendonça da Silva  
103 páginas (1998)
7. "Roteiro Cultural da Região de Alcobaca – a Oeste da Serra dos Candeeiros"  
Vários autores  
397 páginas (2001)
8. "Moinhos e Azenhas no Rio Alcoa"  
de Antonieta de Sousa  
8 páginas (Julho de 2001)
9. "Alcobaca em Banda Desenhada – Ambiente, História e Actividades Tradicionais"  
40 páginas (Janeiro de 2002 - 2.ª Edição).

# Intervenção Arqueológica no Castelo de Alcobaça

## 1ª Campanha de Escavações - 2002

**Jorge Manuel de Assunção António  
Maria Manuela dos Santos Pereira**

O presente artigo resulta dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na I.ª Campanha de Escavações realizada no Castelo de Alcobaça, entre 5 e 17 de Agosto de 2002. Esta intervenção enquadrou-se no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos apresentado ao IPA em Janeiro de 2000.

Passados dois anos foram reunidas todas as condições necessárias para dar início a este projecto, nomeadamente, os pareceres técnicos de engenharia civil (Pedro Tavares), de conservação e restauro (Luís Rodrigues Ferreira), e do I.P.P.A.R..

Esta I.ª Campanha contou com o apoio material e financeiro da Câmara Municipal de Alcobaça e ainda com o apoio da Junta de Freguesia de Alcobaça, pela cedência temporária das instalações para depósito e tratamento dos materiais.

Além da equipa de base que dirige<sup>1</sup> e colabora<sup>2</sup> neste projecto, os trabalhos de campo e de tratamento laboratorial contaram com o imprescindível apoio de uma equipa de voluntários.

Apesar da curta duração desta campanha, a intervenção efectuada no Castelo excedeu todas as expectativas, relativamente à quantidade/importância histórica-científica da cultura material exumada. Em apenas 15 dias, com uma equipa reduzida mas empenhada, foi dado um contributo fundamental para a descoberta da história do Castelo de Alcobaça.

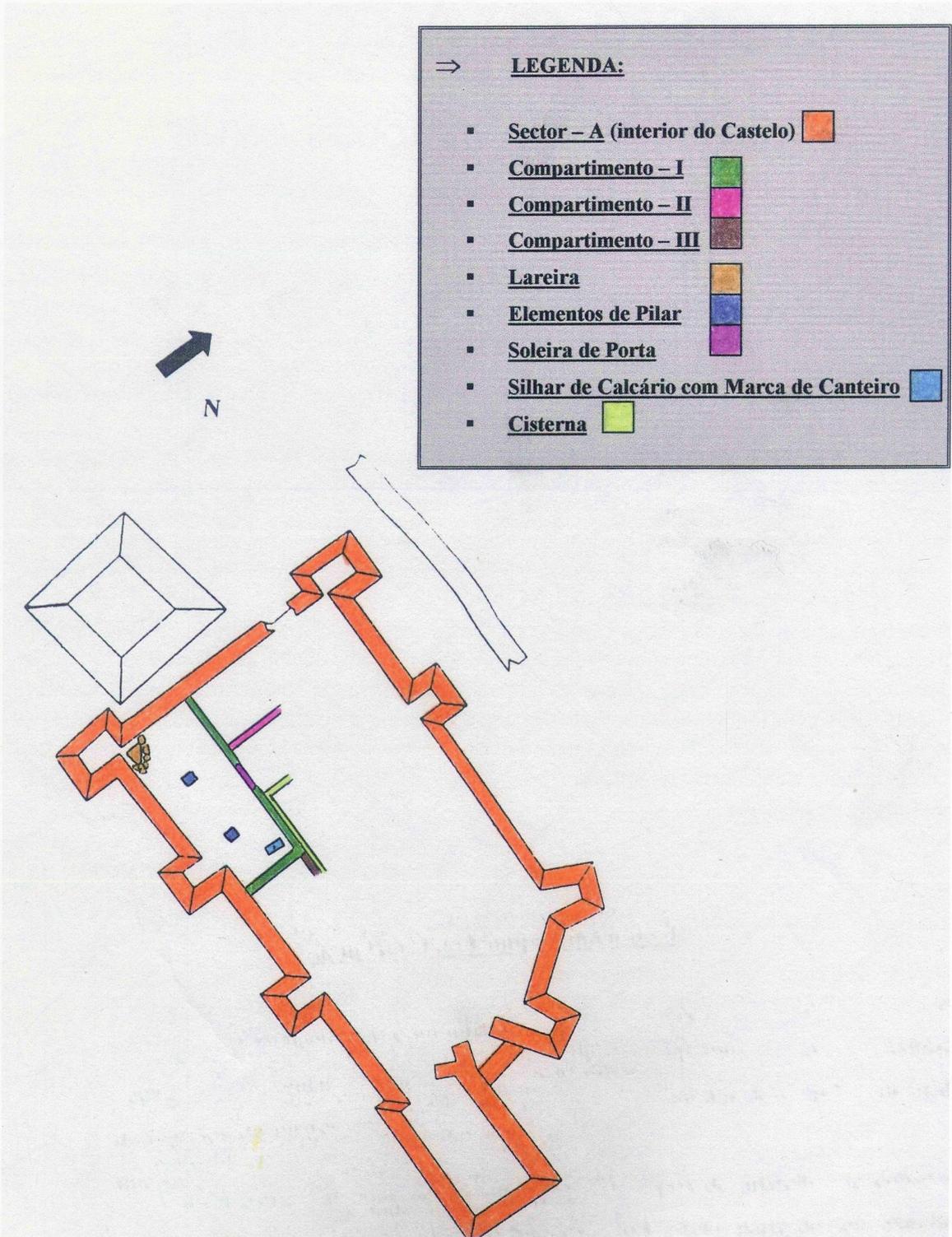
### Localização do Sítio Arqueológico

O Castelo de Alcobaça<sup>3</sup> é uma fortificação localizada num morro sobranceiro à cidade, a uma cota máxima de 73m, na margem esquerda do Rio Baça e a poucos metros da Praça 25 de Abril (antigo Rossio). Pertence à freguesia de Alcobaça e tem acesso pela Avenida Maria e Oliveira.

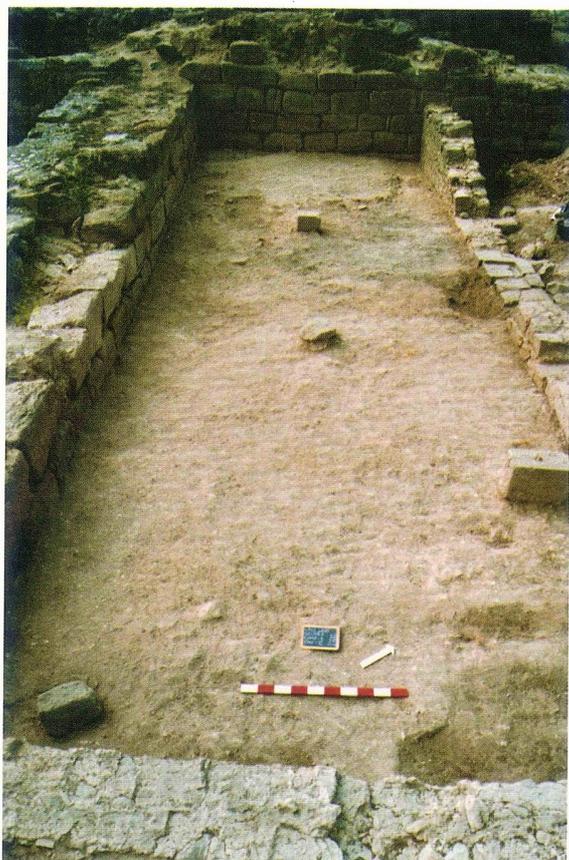
A cidade de Alcobaça<sup>4</sup> é sede de um município composto por dezoito freguesias, possui uma área de 408 Km<sup>2</sup> e localiza-se na confluência dos rios Alcoa e Baça, a Oeste do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros e a Sudoeste da capital de distrito, Leiria.



**Trabalhos de Campo Efectuados**



### Análise/Descrição das Estruturas



O Compartimento – I, com uma área de cerca de 58m<sup>2</sup>, possui planta rectangular ligeiramente irregular. Durante a escavação deste compartimento foram encontradas duas bases de pilares em calcário, sob as quais assentariam dois fustes em madeira que sustentariam o piso de um andar superior.

A nível estrutural pode ser definido por dois tipos de aparelho de construção. Uma vez que está confinado ao canto Sudoeste do Castelo, parte do seu aparelho de construção é constituído pela estrutura do Castelo propriamente dita, ou seja, por silhares de grés, bem aparelhados e de grandes dimensões com alguns vestígios de argamassa. Por outro lado, o canto Nordeste, definido por dois muros que fecham o compartimento, caracteriza-se por um tipo de aparelho mais ligeiro, constituído por pedras irregulares de pequena e média dimensão, ligadas por bastante argamassa de tonalidade esbranquiçada.

A meio da parede virada a Norte colocou-se a descoberto a soleira da porta do compartimento, constituída por quatro pedras de calcário reutilizadas. Possivelmente numa fase terá tido apenas uma porta e noutra fase duas, a julgar pelo maior desgaste do encaixe da direita.

A antiga cisterna existente no Castelo, aproveitada na primeira metade do séc. XX para depósito da distribuição de água potável à população da então Vila de Alcobaça<sup>5</sup>, galgou parcialmente este muro entre a soleira da porta e o canto Nordeste do compartimento.

No canto Sudoeste foi encontrada uma estrutura de lareira, constituída por uma pedra plana, de grandes dimensões, rodeada por outras de menor dimensão. Quer as pedras da lareira,

Plano Geral do Compartimento - I (à esquerda).

Soleira de Porta (Compartimento - I) (em baixo).

(Fotos dos Autores)



quer os silhares da parede do Castelo encontravam-se rube-factos. Sobre a lareira e na zona envolvente foi encontrada uma grande quantidade de cinzas e alguns carvões. A este espaço de preparação, confecção e de consumo de refeições podemos associar alguidares, caçoilas, panelas e alguns potes com evidentes sinais de fogo, e ainda inúmeros pratos, tigelas e copos.

Junto do muro que encosta à cisterna, foi encontrado um silhar de calcário, de forma paralelepípeda, com marca de canteiro e espigão de ferro no topo. Este silhar poderá ter sido trazido do Mosteiro de Alcobaça, uma vez que a marca de canteiro que ostenta é semelhante àquelas que lá se podem encontrar.

Perpendicularmente ao Compartimento – I, em direcção ao canto Noroeste do Castelo, foi detectado outro muro, desta feita pertencente ao Compartimento – II.

Ainda no alinhamento para Sul do muro da soleira da porta do Compartimento – I, foi detectado um outro muro de aparelho aparentemente semelhante, que parece constituir um novo compartimento (Compartimento – III).

Estes três compartimentos, que se desenvolvem lateralmente às paredes do Castelo, certamente de diversas áreas e funcionalidades, teriam pátio central descoberto, possivelmente com cisterna. A existência de silos ou fossas de despejo (lixerias), são estruturas passíveis de serem detectadas, caso a actual cisterna não as tenha eliminado de todo, aquando da sua construção.

### A Estratigrafia

Do interior do compartimento foi retirada uma grande quantidade de argamassa e pedra de pequena dimensão, resultante da desmontagem do Castelo efectuada entre 1838 e 1855, durante a procura de pedra para construção que se verificou na região de Alcobaça. Este entulho é não só sintomático da grande quantidade de pedra extraída do Castelo ao longo de 17 anos, como também revelador de que era sistematicamente deixado no local, contrariando as directivas camarárias que obrigavam a que “por cada 6 carradas de pedra grossa levarem 4 miúdas”<sup>6</sup>. Estes detritos acabaram por selar, felizmente, os níveis estratigráficos.

Sob esta camada de entulho foram registados dois níveis de derrube que assentavam sob dois pavimentos de terra batida. A cultura material exumada nesta estratigrafia é cronológica e tipologicamente idêntica.

### A Cultura Material Exumada

Á data da apresentação deste artigo não foi possível efectuar o estudo exaustivo da cultura material exumada. No entanto, podemos avançar com uma análise generalista do espólio, descrevendo sucintamente os diversos tipos de materiais encontrados.

Os pratos, tigelas e taças em faiança apresentam uma decoração com motivos bastante variados com elementos vegetais, animais e geométricos em vários tons de azul.

A cerâmica comum vidrada e não vidrada apresenta desde formas de grandes dimensões, tais como os alguidares, até bules de reduzidas dimensões e que denotam um grande cuidado na sua manufactura. Os vidrados apresentam vários tons de verdes e amarelos. Neste conjunto destaca-se ainda um pote de importação de pimenta a partir do Oriente, com um vidrado verde escuro muito espesso.

A porcelana chinesa marcou presença com alguns fragmentos de reduzidas dimensões com decorações florais em diversos tons de azul.

Os aspectos lúdicos também estão presentes neste espólio, mais precisamente, peças de jogo, que contam com mais de dez exemplares, de várias dimensões, em faiança, cerâmica comum vidrada e não vidrada, e telha.

Nas camadas de entulho foi possível recolher alguns tijolos completos, de pequenas dimensões e telhas de meia cana com espigão.

Recolheu-se, também, uma figura de Santo António em terracota com cerca de três centímetros, apresentando ainda sinais evidentes da sua moldagem.

Embora sem qualquer associação directa a esta estatueta, recolheram-se inúmeras contas de rosário/terço em pau-preto, algumas das quais de grandes dimensões, outras inacabadas e algumas ainda revelando terem sido quebradas aquando do seu fabrico. Foram também encontrados fragmentos em bruto deste material, o que poderá indiciar um momento de ocupação deste compartimento que terá funcionado como “oficina” de fabrico de material religioso em pau-preto.

Quanto ao vidro, podemos destacar a existência de dois anéis incompletos em pasta vítrea e inúmeros fragmentos de garrafas.

No que diz respeito aos materiais em osso foram recolhidos inúmeros fragmentos de cachimbos, uma lançadeira e cabos de faca com decoração em círculos concêntricos.

Os talheres também estão presentes, pois além dos cabos de faca, recolheram-se as respectivas lâminas de corte, em ferro, e uma colher.

Foram encontradas algumas moedas, cuja oxidação impossibilita a sua leitura e datação. Contudo, na camada humosa recolheu-se uma moeda de “XX Centavos”, cunhada em 1942, em muito bom estado de conservação e sem vestígios de oxidação.

Recolheram-se igualmente inúmeros elementos em bronze, nomeadamente, agulhas, alfinetes, anéis, fivelas e elementos que possivelmente estariam incrustados em peças de madeira (arcas).

A fauna mamalógica e malacológica recolhida junto da lareira constitui os restos alimentares da ocupação humana do local, enquanto que a grande concentração de ossos de roedores revela a existência de uma ave de rapina a habitar aquele espaço.

Além de todo este material recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica de pasta avermelhada e de paredes muito finas,

com decoração modelada, de bordo recortado e ônfalos, resultantes da violação dos níveis estratigráficos inferiores ao séc. XVIII.

## Análise Contextual

O cruzamento das fontes escritas com a leitura da estratigrafia identificada e com respectivo espólio associado, leva-nos a definir no Compartmento — I seis momentos distintos da história mais recente do Castelo de Alcobaça, a saber:

### 1.º — séc. XVII

A recolha de cerâmica de pasta avermelhada, muito fina, com decoração modelada, caracterizada por bordos recortados e ônfalos, datada do séc. XVII, revela a existência de níveis de ocupação humana neste compartimento atribuídos a esta centúria.

### 2.º — 1727-1755

A homogeneidade cronológica do restante espólio coincide com o período de governação do Alcaide Bento Luiz Correia de Mello, natural do Porto, professo na Ordem de Cristo, fidalgo da Casa do Rei, filho de Luiz de Mello da Silva e de D. Margarida Thereza Correa. Foi nomeado por seu tio, o Rmo. Geral Fr. Bento de Mello, a 22 de Dezembro de 1727, tendo desistido do cargo, sendo nomeado o seu filho a 25 de Abril de 1779<sup>7</sup>.

Sendo este alcaide da família Silva e o facto de termos encontrado o fundo de um prato em faiança com o brasão dos Silvas, permite-nos concluir que o contexto cronológico registado será posterior à nomeação do alcaide e anterior ao terramoto.

Até à data da realização das escavações pairava a dúvida se o Alcaide teria vivido ou não no Castelo. A riqueza da cultura material encontrada comprova de facto aquilo que as fontes deixavam em aberto.

Bento Luiz Correia de Mello, devoto de Santo António (possivelmente), rodeado de faianças de grande qualidade, importando porcelana chinesa e especiarias do Oriente, é o alcaide em exercício e a residir no Castelo de Alcobaça até ao terramoto.

### 3.º — 1755

Este terramoto parece selar de facto um momento específico da história do Castelo, uma vez que a cronologia apontada para a cultura material é semelhante em toda a estratigrafia. Os dois níveis de derrube, onde foi recolhido todo este espólio, estão associados aos dois pavimentos identificados que parecem revelar a existência de um piso superior, sustentado possível-

mente por dois pilares, cujo abatimento sobre o piso térreo terá sido provocado pelo terramoto.

### 4.º — 1755-1838

Posteriormente a esta data fatídica, o Castelo em ruínas terá sido abandonado. A fase de abandono está registada pela grande concentração de restos ósseos de roedores, que mais não serão do que restos alimentares de uma ave de rapina que terá ocupado a estrutura em ruínas. Nesta fase o espaço poderá ter sido compartilhado com presença humana, embora possivelmente durante um curto espaço de tempo, a qual ter-se-à dedicado ao fabrico de rosários/terços e crucifixos em pau-preto.

### 5.º — 1838-1855

Período de desmontagem do Castelo, registado pela enorme acumulação de entulho ao longo de 17 anos.

### 6.º — 1956

A moeda de “XX Centavos” com data de 1942, descoberta na estratigrafia de superfície (camada humosa), poderá ter sido deixada no local aquando da reconstrução do Castelo em 1956 no âmbito da visita da rainha Isabel II, de Inglaterra, a Alcobaça no ano seguinte.

## Em Jeito De Conclusão

O espólio arqueológico exumado nesta campanha excedeu as melhores expectativas, não só quanto á quantidade mas também quanto á diversidade e á qualidade. O inegável valor historico-arqueológico desta cultura material e das estruturas identificadas deixa-nos bastante expectantes na realização de futuras intervenções naquele local.

O Castelo reveste-se assim de uma enorme importância científica, na medida em que ainda poderá vir a dar um enorme contributo para a história de Alcobaça, nomeadamente, para a história da região antes da instalação dos monges de Cister. Embora os objectivos estabelecidos para esta I.ª Campanha tenham sido atingidos, reconhecemos humildemente que ainda teremos ao longo deste projecto, um árduo trabalho de escavação e de investigação, cujo apoio da Câmara Municipal de Alcobaça e dos nossos colaboradores reveste de primordial importância.

## Notas

1 Jorge António — Direcção de escavação; Manuela Pereira — Co-direcção.

2 Dra. Maria Augusta Trindade Ferreira — Consultora científica na área da história; Dr. Cláudio Torres — Consultor científico na área da arqueologia; Emanuel Carvalho — Topografia; Teresa Julião — Desenho; Eng. Pedro Duarte Tavares — Acompanhamento técnico de engenharia civil.

3 Encontra-se sob protecção: I.I.P., Dec. n.º 95/78, D.R. 210 de 12 de Setembro de 1978.

4 Carta Militar de Portugal: 1/25 000, folha n.º 317.

5 VILLA NOVA, Bernardo (1941) — O Progresso Urbano da Vila de Alcobaça. Algumas outras notas, pp. 21-22.

6 Actas da Câmara Municipal de Alcobaça, Sessão de 2 de Outubro de 1838.

7 Arquivo de Alcobaça, Livro da Dataria Secular, folhas 88 e 89.